

Inglês como língua franca: um olhar sobre programas disciplinares de um curso de formação inicial de professores de inglês

English as a lingua franca: subject programs of a teacher education course

Michele Salles El Kadri*

RESUMO: A expansão da língua inglesa no mundo a tem posicionado como língua franca global. Este estatuto traz questionamentos e mudanças para o ensino de inglês, que tem sido tradicionalmente encarado como língua estrangeira e com ênfase no modelo do falante nativo. Pesquisas que tratam a respeito do estatuto do inglês como língua franca tem ressaltado que as implicações deste estatuto para o ensino e a descentralização do modelo do falante nativo, e, portanto, para a ampliação da base de conhecimento do professor bilíngue. Desse modo, esta pesquisa tem por objetivo verificar se um curso conceituado de formação de professores de língua inglesa no Brasil tem acompanhado e/ou incorporado estas discussões no seu currículo. Analisam-se, portanto, os programas das disciplinas obrigatórias e optativas do referido curso por meio da análise documental com base nos pressupostos da análise de conteúdo de Bardin (1977). Os resultados apontam que tentativas isoladas têm procurado privilegiar a questão, mas que parece não existir um posicionamento geral do curso em relação a esta perspectiva.

PALAVRAS-CHAVE: Inglês-Língua franca. Formação de Professores. Currículo.

ABSTRACT: The spread of English in the world has positioned this language as a global lingua franca. This status brings some questions and changes to the teaching of English which has been conceived as a foreign language with an emphasis on the native speaker model. Research studies that deal with this issue alert to the teaching implications of decentering the native speaker model and therefore, widening the bilingual teacher knowledge base. Thus, this research aims to verify whether a teacher Education course of a well-known university is following and incorporating this discussion in its curriculum. Therefore, we analyzed the subject programs of this course through documental analysis based on Content Analysis by Bardin (1977). The results show that isolated attempts have tried to insert this issue. However, it seems that there is no general positioning of the course related to this perspective.

KEYWORDS: English-Lingua franca. Teacher education. Curriculum.

* Mestre em Estudos da Linguagem e Professora colaboradora da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: misalles@uel.br

Introdução

O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percursos. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade (SILVA, 2002, p. 150).

A expansão da língua inglesa no mundo a tem posicionado como uma língua com características diferenciadas de outras línguas estrangeiras. Entre elas: 1) as alterações sofridas pela língua conforme é apropriada por diferentes usuários; 2) sua forte vinculação com o desenvolvimento econômico, 3) o fato de que 80% das interações em língua inglesa no mundo ocorrem entre falantes não nativos; 4) a quantidade de pessoas que a utiliza para os mais variados domínios; 5) a possibilidade de inserção global pelo domínio desta língua; 6) a grande quantidade de pessoas que desejam adquirir esta língua pelos benefícios que ela traz; 7) as mudanças no sentido de “propriedade” da língua; 8) sua dissociação dos EUA e Inglaterra e 9) a possibilidade de atendimento às necessidades globais e locais pelo uso desta língua. Tais características conferem a língua inglesa o caráter de uma língua franca¹.

Contudo, conceber o inglês como língua franca e não como língua estrangeira traz implicações educacionais. Isto porque esta perspectiva provoca a descentralização do modelo do falante nativo, o que traz repercussões para a escolha de variedades a serem ensinadas, o papel da cultura no ensino da língua e aspectos de correção linguística. Trata-se, portanto, de redefinição identitária do professor não nativo assim como de seus alunos.

Portanto, podemos afirmar que as implicações de se encarar o inglês como uma língua franca ou não decorrem principalmente do papel que a norma do falante nativo exerce. Isso porque, enquanto a perspectiva do inglês como língua estrangeira procura situar o aprendiz como um “nativo imperfeito”

¹ Segundo Seidlhofer (2001, p. 46), uma língua franca pode ser definida como: Um sistema linguístico adicional que serve como meio de comunicação entre falantes de diferentes línguas maternas, ou uma língua pela qual os membros de diferentes comunidades de fala podem se comunicar entre si, mas que não é a língua materna de nenhum deles – uma língua que não tem falantes nativos. (Tradução nossa).

(embora este fato não seja consenso na Linguística Aplicada), situá-lo como *língua franca* requer a transcendência de uma identificação marcada pelo território geográfico ou linguístico. A maioria dos cursos de formação inicial de professores tem privilegiado - como é tradicional no ensino de língua estrangeira - a norma advinda de países que são 'desenvolvedores de normas', como por exemplo, os Estados Unidos ou a Inglaterra.

O grande desafio para a formação de professores está justamente em como lidar com as reconceituações que os pressupostos do ensino de inglês como língua franca trazem para o ensino: os professores precisam entender as implicações da expansão do inglês e as decisões complexas que eles terão de tomar. No ensino de inglês como língua estrangeira (doravante LE), era possível estabelecer normas e objetivos estáveis e agora estas certezas estão sendo questionadas pelo reconhecimento do papel do inglês como língua global (SEIDLHOFER, 2004). Ainda segundo Seidlhofer (2001), provavelmente a consequência mais importante destes desenvolvimentos para o professor não nativo é que as noções de 'falantes nativos' e de 'propriedade do inglês' têm sido radicalmente postas em xeque. Segundo esta autora, a orientação do ensino de inglês muda substancialmente: de correto para apropriado, de normas exclusivas do falante nativo para inclusão global e de maneiras igualitárias de falar que satisfaçam as necessidades locais.

Esta dupla caracterização do inglês como língua estrangeira e como língua franca (com o deslocamento do falante nativo como norma) faz com que seu ensino apresente tensões para questões de identidade. O professor de língua inglesa hoje assiste a um grande número de questionamentos sobre os princípios que vinham norteando seu ensino, desde sua associação a países que a têm como primeira língua até os objetivos comunicativos tidos como primordiais para seus aprendizes. Dado que a língua inglesa representa a possibilidade de inserção em escala mundial, as identidades constituídas no interior de relações entre o local e o global precisam ser problematizadas em um processo educacional que se pretende crítico.

Assim, o estatuto do inglês como língua franca apresenta-se nesse panorama como uma possibilidade para um diferente posicionamento dos aprendizes pelo fato de que, nesse contexto, a negociação de identidades envolve um movimento constante entre o local e o global. Além disso, os aprendizes podem se sentir 'donos' desta língua pelo fato de se posicionarem como tendo o direito de usá-la a seu favor, de acordo com seu propósito e necessidade.

Como mediadores da aprendizagem nesse contexto, professores de inglês podem tanto reforçar quanto desafiar identidades projetadas pelo discurso da integração baseada na economia (GIMENEZ, 2005). Daí a necessidade de encarar o currículo do curso de Letras como uma possibilidade de construção de novas identidades, as de professores bilíngues, diante da perspectiva de inglês como língua franca (doravante ILF).

Levando-se em conta que futuros professores terão grandes desafios (como por exemplo, realizar escolhas pedagógicas para o ensino de inglês no seu próprio contexto, justificar esse ensino e ter consciência do caráter político de suas escolhas dentre variadas opções), o estatuto do ILF vem a ser uma perspectiva relevante para a educação de professores. Acreditamos neste fato porque ele questiona certos pressupostos do inglês como LE e implica em reavaliar o que seja a proficiência linguística, o que seja um falante competente e qual a base de conhecimento mais adequada para o professor de língua inglesa.

Isso implica dizer que professores deverão estar conscientes das possibilidades de uso da língua para justificar suas escolhas pedagógicas em sala de aula. Daí a necessidade de privilegiar discussões dessa natureza em cursos de formação a fim de que futuros professores possam ter subsídios para basear suas escolhas. Isto quer dizer que questões relacionadas ao ensino de ILF, como o estudo/ exposição às diferentes variedades do inglês, o reconhecimento da diversidade de variedades do Inglês que resultaram da expansão global da língua, a reflexão sobre questões de identidade e de propriedade do inglês, a discussão sobre processos avaliativos que levam em

conta produções divergentes das normas de falantes nativos, a natureza intercultural do uso do inglês, a problematização do modelo do falante nativo e questões de inteligibilidade deveriam ser focalizadas na formação inicial.

Isto porque o currículo do curso exerce papel importante na formação do profissional de línguas. Segundo Silva (2002), o currículo constitui identidades individuais e sociais na medida em que possibilita e cria espaços, caminhos e percursos nos quais os sujeitos se engajam. No entanto, ainda segundo este autor, por ser também uma construção social, é um resultado de um processo histórico que, em determinado momento, consolidou certas formas curriculares e certos conhecimentos. A questão neste momento seria, portanto, se estas formas curriculares e se estes conhecimentos institucionalizados dão conta da complexidade do que seja ensinar inglês no mundo contemporâneo. Problematizar a língua inglesa exclusivamente como LE traz implicações para a identidade de futuros professores e conseqüentemente para os aprendizes de língua inglesa, visto que o caminho a ser percorrido, ou seja, o currículo, é um dos responsáveis pela forja de identidades destes profissionais.

O currículo do curso de Letras, por exemplo, seria um dos locais em que as identidades dos futuros professores vão sendo constituídas por meio das atividades propostas, materiais didáticos adotados e conteúdos/temas trabalhados, o que revela a importância de se problematizar o estatuto da língua nessa fase de formação. Considerando a necessidade de discussão desses aspectos e da compreensão se cursos de formação inicial de professores vem discutindo e se posicionando em relação ao inglês com esse estatuto diferenciado, nosso objetivo nesta pesquisa² é verificar se este estatuto tem sido reconhecido em um currículo de um curso de Letras representativo no cenário brasileiro, que obteve conceito 4 na última avaliação do ENADE³.

² Este artigo faz parte de uma pesquisa mais abrangente sobre o estatuto do inglês como língua franca em um curso de formação inicial de professores (*Atitudes sobre o estatuto do inglês como língua franca em um curso de formação inicial de professores*), orientada pela profa. Dra. Telma Gimenez.

³ O Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), que integra o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), tem o objetivo de aferir o rendimento dos alunos dos cursos de graduação em relação aos conteúdos programáticos, suas habilidades e

Este artigo está organizado da seguinte maneira: primeiro, apresentamos o referencial teórico que embasa a pesquisa. Em seguida, descrevemos o currículo do curso pesquisado e as disciplinas obrigatórias e optativas que o compunham no momento retratado. Apresentamos a análise e os resultados por meio de uma *grelha* de análise, para, em seguida, discutir e sugerir movimentos para que o estatuto da língua inglesa como uma língua franca global possa ser incorporado no currículo.

Referencial teórico

Pesquisadores têm ressaltado que o grande desafio para a formação de professores será justamente como lidar com as reconceitualizações que os pressupostos do conceito de ensino de inglês como língua franca trazem para o ensino, principalmente a descentralização do falante nativo. Seidlhofer (2004, p. 228) consegue captar com nitidez a relevância dessas mudanças para a formação de professores:

Como resultado, o ensino de inglês está atravessando uma fase pós-moderna nas quais as formas e asserções antigas estão sendo rejeitadas enquanto nenhuma outra nova ortodoxia pode ser oferecida no lugar. Este estado das coisas torna a distinção entre educação e treinamento mais relevante do que nunca: ao invés de somente ser treinado em um conjunto restrito de técnicas pré-formuladas para contextos de ensino específicos, professores precisarão de uma educação mais abrangente que os possibilite a julgar as implicações do fenômeno do ILF para seus próprios contextos de ensino e adaptar o ensino para as exigências particulares dos estudantes. Tal educação de professores alimentaria uma compreensão do processo de variação lingüística e mudança, o relacionamento entre língua e identidade, a importância dos fatores sócio-psicológicos na comunicação intercultural e na natureza suspeita

competências. A primeira edição do ENADE ocorreu em 2004. Com a aplicação da terceira edição 2006, completou-se o primeiro ciclo do exame, ou seja, foram avaliados ingressantes e concluintes de cursos pertencentes a praticamente todas as áreas do conhecimento da educação superior brasileira. Em 2007, iniciou-se o segundo ciclo de exame, sendo avaliados os mesmos cursos de 2004, também em 2008 foram avaliados os mesmos cursos que participaram do Enade em 2005 e em 2009 os mesmos de 2006. Após duas avaliações no ENADE, o INEP divulga o CPC (Conceito Preliminar de Curso), sendo 5 o conceito máximo.

de qualquer solução supostamente universal para problemas pedagógicos.⁴

Da mesma maneira, Dewey (2007, p. 346) reforça que os principais desafios para a educação de professores estão relacionados às implicações de não se considerar o falante nativo como o modelo:

Um dos desafios que os pesquisadores de ILF encaram é em que medida educadores/professores de ELT estão acostumados a trabalhar com um conjunto de recursos definidos e amarrados a um grupo sociocultural (por exemplo, o inglês americano e o inglês britânico). Muitos professores e estudantes, sem dúvida, consideram as normas lingüísticas como sendo essencialmente fixas, pré-determinados, e relacionados a um número de centros geográficos restritos. Entretanto, a globalização do inglês leva ao centro da nossa compreensão sobre o que é língua, o que, por sua vez, leva a preocupações fundamentais relacionadas a normas lingüísticas. Tendo em vista a crescente diversidade cultural e lingüística que o ILF enseja, precisamos re-avaliar nossas práticas atuais em relação à seleção de materiais didáticos, métodos e abordagens avaliativas.⁵

Em relação ao currículo de formação de professores, pesquisadores enfatizam a necessidade de essa formação promover a consciência de questões relacionadas ao ensino de inglês como língua franca, como, por exemplo, reduzir a ênfase em padrões que privilegiam a norma de falantes nativos e tirar proveito dos pontos fortes do professor não nativo promovendo consciência das

⁴ As a result, the teaching of English is going through a truly postmodern phase in which old forms and assumptions are being rejected while no new orthodoxy can be offered in their place. This state of affairs makes the familiar distinction between education and training more relevant than ever: rather than just being trained in as restrict set of pre-formulated techniques for specific teaching contexts, teachers will need a more comprehensive education with enables them to judge the implications of the Elf phenomenon for their own teaching contexts and to adapt their teaching to the particular requirements of their learners. Such teacher education would foster an understanding of the process of language variation and change, the relationship between language and identity, the importance of social-psychological factors in intercultural communication and the suspect nature of any supposedly universal solution to pedagogic problems.

⁵ One of the challenges facing ELF researchers is the extent to which ELT practitioners are accustomed to working with a more statically defined set of resources tied to one or other sociocultural group (i.e. standard British and American English). Many teachers and learners undoubtedly regard language norms as essentially fixed, predetermined, tied to a restricted number of geographic centres. However, the globalization of English leads to the very heart of our understanding of language, in turn leading to fundamental concerns regarding language norms. In light of the increased linguistic and cultural diversity that ELF entails, we need to reassess current practice in relation to the selection of language teaching materials, methods, and approaches to testing.

vantagens que eles trazem para a sala de aula como profissionais falantes de inglês não nativo (LEE, 2004 apud ANN-SNOW; KAMHI-STEIN; BRINTON, 2006; SIFAKIS; SOUGARI, 2005 apud ANN-SNOW; KAMHI-STEIN; BRINTON, 2006).

Matsuda (2003 apud ANN-SNOW; KAMHI-STEIN; BRINTON, 2006) propõe um currículo nos quais as asserções seguintes seriam privilegiadas. Para este autor: 1) os alunos deveriam ser expostos a falantes de inglês de vários *backgrounds*; 2) a instrução focar-se-ia na eficácia da comunicação (ao invés de nos conhecimentos gramaticais de acordo com as normas dos falantes nativos); 3) deveria haver integração de materiais que representam as diferentes variedades dos WE e seriam usados como uma maneira de aumentar a consciência sobre o papel do inglês nas diferentes regiões e 4) dever-se-ia privilegiar a referência cruzada de temas-chave de diferentes assuntos para aumentar a consciência sobre o mundo e sobre o papel do inglês.

Da mesma maneira, para Ann-Snow, Kamhi-Stein e Brinton (2006), um currículo que problematizasse o ILF deveria levar em conta o contexto de ensino, sempre observando 'quem adota o que, onde, quando, por que e como'. Além disso, para a autora, este currículo deveria expor os professores a variedades que vão além das variedades do círculo interno, ajudá-los a desconstruir o mito do falante nativo e oferecer oportunidades para se reconhecerem e se valorizarem como falantes interculturais. Deveria integrar metodologias que são valorizadas no contexto local e refletem os interesses e necessidades dos alunos. Deveria, ainda, ser guiado por conceituações locais a respeito do que constitui a profissão/profissionalismo, alimentar o desenvolvimento linguístico mediante o aumento da exposição à língua-alvo, fornecer aos professores oportunidades de progredir na profissão por meio de padrões e variedades de oportunidades de desenvolvimento profissional e encorajar a colaboração entre os especialistas locais e internacionais.

Pela mesma perspectiva, Seidlhofer (2004, p. 226) ressalta as consequências prováveis para o ensino e formação de professores: 1) a reorientação do inglês longe do fascínio do inglês como língua nativa em direção ao papel intercultural do ILF (seria interessante trabalhar com os estudos de

comunicação intercultural e consciência crítica da linguagem); 2) abandonar noções irreais de alcançar a pronúncia perfeita por meio da proficiência do falante nativo em inglês; 3) focar as capacidades (que são cruciais para o ILF e não a 'fluência perfeita', como, por exemplo, estratégias de comunicação e habilidades de acomodação); 4) expor os professores a diferentes variedades do inglês e a uma abordagem comparativa multilíngue (pois provavelmente facilitariam a aquisição das habilidades comunicativas).

No Brasil, pesquisas a este respeito ainda são incipientes. Embora não se tratando especificamente de currículo, alguns pesquisadores têm se mostrado conscientes em relação a este estatuto, ressaltando que há a necessidade de problematizar esta questão (GIMENEZ, 2005, GIMENEZ; FURTOSO, 2010; RAJAGOPALAN, 2009; 2010a; 2010b; SIQUEIRA, 2008; BERTO, 2009a; 2009b; EL KADRI, 2010).

O que não pode ser negado, entretanto, é que a reflexão desta realidade tem de fazer parte da formação dos profissionais da linguagem pelo fato de que estes irão enfrentar um período de desafios nos próximos anos. Isso indica que, primeiro, os cursos de formação devem se posicionar em relação aos objetivos e às abordagens de ensino que reconheçam este estatuto e suas implicações, tanto linguísticas e educacionais quanto sociais e políticas.

Metodologia

Os programas das disciplinas compõem o *corpus* desta pesquisa. Estes foram cedidos pela coordenadora do curso mediante cópias impressas, no mês de junho de 2009. O tratamento dado à análise dos programas está de acordo com os procedimentos da análise documental.

De acordo com Philips (1974, p. 187 apud LUKE; ANDRÉ, 1986, p. 38), são considerados documentos 'quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano.' Os escolhidos para esta pesquisa foram os programas das disciplinas do curso, visto que este instrumento atingia o propósito desta pesquisa: possibilitava

ampliar as análises previamente realizadas. Por se tratar de documentos oficiais da instituição, segundo Luke e André (1986), são uma fonte documental do tipo oficial primária.

A análise documental é vista por Luke e André (1986, p. 38) como 'uma técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema'. A vantagem de documentos, segundo Guba e Lincoln (1981 apud LUKE; ANDRÉ, 1986), é que estes são fontes de valor (das quais podem ser retiradas evidências que fundamentam afirmações), reativas (permitem a obtenção de dados quando o acesso a sujeitos é problemático) e completam informações obtidas por outras técnicas de coleta. Estas duas últimas vantagens apresentadas justificam o uso deste instrumento nesta pesquisa.

Assim, para esta análise, primeiro selecionamos quais programas das disciplinas essenciais seriam relevantes para o objetivo desta pesquisa. O critério de descarte foi então as disciplinas que, embora como parte do currículo geral do curso, não se relacionavam com a língua inglesa. Dessa maneira, as disciplinas excluídas foram: Língua Espanhola I, Unidade e diversidade da língua espanhola, Linguística I e II, Produção de texto I, Teoria do texto literário I e Filosofia da Linguagem. A parte do currículo do curso intitulado como 'Formação livre' também foi excluída da análise pela impossibilidade de acesso a todas as informações, visto que esta parte supõe engajamentos individuais dos alunos. No entanto, decidimos acrescentar as disciplinas optativas oferecidas pelo currículo do curso pelo fato de tratarem de aspectos relacionados diretamente à língua inglesa. As disciplinas, a saber: Gêneros Textuais para o ensino de LE, Introdução à Tradução em Língua Inglesa, Introdução à Linguística Sistemico-Funcional e à Análise Crítica Do Discurso.

Definido o escopo de análise, empenhamo-nos na construção de uma lista de verificação (que denominamos de "grelha de análise") quanto aos aspectos do ILF partindo da literatura. Assim, buscamos verificar se os pressupostos indicados na grelha de análise - pressupostos para um ensino que

leve em consideração o estatuto da língua inglesa em tempos de globalização - aparecem de alguma forma nos programas das disciplinas do curso. Em outras palavras, buscamos verificar se os programas apresentam algum indício de que o inglês possa estar sendo tratado como língua franca, por menção explícita, por meio de bibliografia, seleção de conteúdos, objetivos ou qualquer outro aspecto que poderia indicar esta direção.

Tais pressupostos são os conceitos-chave listados por estudiosos que se dedicam ao estudo do inglês como língua franca e WE em direção a um ensino de língua que valorize os contextos locais e utilizem o inglês como ferramenta de comunicação em seus próprios termos (ANN-SNOW; KAMHI-STEIN; BRINTON, 2006; JENKINS, 2005; RAJAGOPALAN, 2005; SEIDLHOFER, 2004).

O curso

O currículo deste curso foi reformulado recentemente e busca privilegiar uma abordagem reflexiva, opondo-se, assim, ao conceito de racionalidade técnica. A principal diferença em relação ao currículo anterior⁶ é que há maior flexibilidade na formação, ao serem incluídas disciplinas optativas e de formação livre, o que permite ao aluno dedicar-se mais especificamente a áreas de seu interesse.

Assim, este curso busca privilegiar e valorizar a preparação para o magistério como norteadora da escolha de disciplinas e demais atividades, bem como a formação de língua estrangeira como um projeto de valor em si mesmo. Tem como objetivo, de acordo com o *site* da instituição, formar professores para atuar nas áreas de Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa, no ensino fundamental e médio, e com capacidade de aliar a formação teórica com a prática profissional, de forma crítica e reflexiva. Segundo o site da instituição, este é o perfil do aluno de um profissional crítico e comprometido com a ética, com domínio de recursos didático-pedagógicos e tecnológicos voltados para práticas democráticas da educação e com

⁶ Ver Gimenez e Furtoso (2008) para maiores detalhes desta transição.

habilidades investigativas diante de seu objeto de estudo e de práticas educacionais. Na próxima seção, apresentamos as disciplinas enfatizando seus objetivos, conteúdos e bibliografia básica sugerida.

As disciplinas obrigatórias

Língua Inglesa I, II, III e IV

Nas disciplinas de Língua Inglesa, as ementas mencionam que se trata da compreensão e produção oral e escrita em nível básico, nível pré-intermediário, intermediário e intermediário-avançado, respectivamente, e conscientização do processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. Os objetivos almejados são desenvolver a competência linguístico-discursiva dos discentes, desenvolver metacognição sobre os processos e aspectos da aprendizagem da língua inglesa por meio das estratégias de aprendizagem e inteligências múltiplas. Os conteúdos programáticos são desenvolvidos no 1º e no 2º ano de acordo com as funções que a língua desempenha e engloba aspectos gramaticais, de compreensão e produção oral e escrita e conscientização da aprendizagem. Os conteúdos programáticos da língua inglesa III e IV, além da competência linguístico-discursiva, engloba a questão da competência profissional.

Não foi encontrado nada que pareça possibilitar o contato dos alunos com questões relacionadas ao ensino de língua franca, visto que não há qualquer menção a este respeito em nenhum dos programas. A bibliografia básica indicada também não problematiza tais questões, haja vista que são materiais desenvolvidos para o ensino/reflexão sobre o ensino de inglês como língua estrangeira ou segunda língua.

Leitura em língua Inglesa

A ementa da disciplina 'Leitura em língua inglesa' são atividades de compreensão de textos em língua inglesa visando ao reconhecimento e à

prática de estratégias de leitura, concepções de leitura e materiais didáticos para o ensino de leitura. Apresenta como objetivo fornecer uma visão geral sobre as diferentes abordagens da leitura e seu ensino e desenvolver a habilidade de leitura dos alunos.

Aparentemente, esta disciplina também não possibilita questionamentos sobre o estatuto do inglês, aspecto este compreensível visto a especificidade da disciplina.

Língua e sociedade

A ementa da disciplina baseia-se no estudo da linguagem e cultura, diversidade cultural, diversidade linguística, oralidade e escrita.

Os objetivos gerais desta disciplina são analisar aspectos da cultura brasileira, privilegiando a diversidade cultural e linguística, bem como a articulação da oralidade com os gêneros escritos. Como objetivos específicos, o programa visa a traçar um panorama das diferentes culturas brasileiras, de sua importância histórica e de sua inserção na tradição oral e na memória coletiva, o que as capacitam na explicação da sociedade brasileira e ainda possibilitar ao discente o reconhecimento das características culturais das regiões brasileiras por meio de leituras e pesquisas.

O conteúdo programático da disciplina baseia-se no estudo de diferentes culturas, seja ela popular, erudita ou de massa, assim como também o faz sua bibliografia. Não encontramos nada que pudesse ser revelador de discussões quanto ao estatuto do inglês.

Linguística Aplicada

Professores indicaram esta disciplina como a que deveria tratar do ILF. A ementa da disciplina é: a linguística aplicada como área do conhecimento; a linguística aplicada e o ensino de línguas estrangeiras: teorias de aquisições de línguas estrangeiras e suas contribuições e o ensino de inglês estrangeiras no

Brasil: avaliação e tecnologia na sala de aula. Tem como objetivos gerais promover o conhecimento e a reflexão crítica sobre teorias de aquisição de línguas estrangeiras, sobre o processo de ensino/aprendizagem, sobre políticas educacionais e sobre as novas tecnologias no ensino de línguas estrangeira, bem como em outras áreas de atuação de linguística aplicada. O conteúdo programático da disciplina, principalmente nas seções intituladas Línguas estrangeiras e sociedade e Política de ensino de línguas estrangeiras, bem como a análise dos parâmetros curriculares, possibilitaria importantes espaços para a discussão do estatuto da língua inglesa, o que parece estar sendo problematizado ou pelo menos mencionado pelo professor responsável da disciplina, visto que a bibliografia básica apresenta dois textos que permitem tal discussão⁷. Na bibliografia complementar, outros textos parecem indicar alguma preocupação com a questão por parte do professor, visto que apresenta textos de Kanavillil Rajagopalan, que também permite discussões sobre o tema.

Morfossintaxe

A ementa da disciplina se dá pelo estudo das estruturas morfológicas básicas, pelas regras de formação de palavras, pelos constituintes sintáticos e pela análise estrutural da língua inglesa. O objetivo da disciplina é que, ao final do segundo ano, os alunos-professores apresentem um nível de proficiência satisfatório em relação aos aspectos morfossintático gerais da língua inglesa, auxiliando-os a produzir e compreender textos orais e escritos em nível intermediário.

Podemos afirmar que o programa desta disciplina não apresenta nenhum indício de que esteja trabalhando questões referentes ao estatuto do inglês, visto que não apresenta nenhuma menção ou bibliografia referente à questão.

⁷ *O ensino de língua estrangeira e a sociedade*, de Telma Gimenez e Francisco Fogaça (2007); outro texto de Telma Gimenez, *Diretrizes curriculares para o ensino Fundamental de línguas estrangeiras modernas: questões para debate* (2005).

Literaturas de língua inglesa I e II

A ementa da disciplina de literaturas em língua inglesa I está representada pelo estudo da arte e literatura em língua inglesa dos séculos XVI a XVIII, e a disciplina II pelo estudo da arte e literatura em língua inglesa dos séculos XIX a XXI. A disciplina I tem como objetivo estudar a produção literária inglesa a partir da leitura e análise de textos literários, dos contextos históricos em que foram produzidos e das especificidades e preocupações literárias que marcam as obras dos autores lidos no decorrer do curso. A disciplina II apresenta os mesmos objetivos, embora priorizando a produção literária estadunidense. Ambos os programas não apresentam nenhum indício ou menção de fatores referentes ao ensino de inglês como língua franca.

Fonologia da Língua inglesa

A ementa da disciplina foca-se nos sons vocálicos e consonantais da língua inglesa, enfocando aspectos prosódicos, tais como ritmo, entonação, intensidade e duração da fala e destacando os problemas típicos de pronúncia de aprendizes brasileiros. Seus objetivos são de que, no final do curso, os alunos-professores apresentem um nível de proficiência satisfatório em relação aos aspectos fonológicos gerais da língua inglesa, auxiliando-os a praticar e produzir, de maneira intensiva e exaustiva, a pronúncia de sons específicos do inglês e sua função no sistema comunicativo. Além disso, espera-se também que eles possam reconhecer e reproduzir o Alfabeto Fonético Internacional com seus respectivos códigos fonográficos para associar som e escrita, além de trabalhar ritmo, entonação, acentuação enfática e encadeamento de palavras, conforme indica o programa.

O conteúdo programático e a bibliografia básica não apresentam nenhum indício de problematização do estatuto da língua inglesa.

Ensino de inglês na educação básica I e II

A ementa da disciplina é a discussão de aspectos técnicos, práticos e críticos do ensino de língua inglesa na educação básica, ligados ao estágio supervisionado.

O objetivo da disciplina EIEB I é analisar a atividade de ensino-aprendizagem de língua inglesa na educação básica e desenvolver conhecimentos necessários a este contexto. Especificamente, objetiva discutir o papel da aprendizagem de inglês no Brasil, conhecer e definir objetivos para o ensino de inglês, conhecer as especificidades dos participantes no contexto educacional, conhecer propostas didático-pedagógicas que orientam o ensino de inglês na educação básica, conhecer, analisar e criar instrumentos para o ensino de inglês e apropriar-se do repertório técnico para a condução do processo de ensino-aprendizagem. O conteúdo programático da disciplina baseia-se no ensino-aprendizagem de inglês na educação básica como um sistema de atividade e na composição para a condução do processo de ensino-aprendizagem. A bibliografia básica é o livro 'Roteiros pedagógicos para a prática de Ensino de Inglês' (ORTENZI, 2008). Assim, mesmo sem estar explicitado no programa da disciplina, podemos salientar que há um indício de que esta problematização esteja sendo feita nesta disciplina pelo fato da bibliográfica básica conter textos que proporcionam espaço para a discussão do ensino de inglês como língua franca. No capítulo sobre objetivos de ensino de língua inglesa, encontramos um texto de Leffa (2002) que discute os pressupostos de um ensino de línguas que leve em consideração o estatuto da língua. Além disso, vários textos da bibliografia complementar descrita no programa podem levar a discussões a este respeito.

Os objetivos da disciplina II são conhecer aspectos do aparato legal que regula o sistema educacional brasileiro e as políticas educacionais e linguísticas, aprofundar análises dos processos de ensino-aprendizagem de língua inglesa no ensino fundamental e médio, elaborar propostas de atividades para o ensino-aprendizagem de língua inglesa no contexto escolar e desenvolver a capacidade

autorreflexiva na formação profissional. O conteúdo programático desta disciplina privilegia o estudo da LDB e das orientações curriculares oficiais nacionais e estaduais, pesquisas sobre o sistema educacional brasileiro e o ensino de língua inglesa na escola, avaliação da aprendizagem, uso de recursos tecnológicos (internet, tv, *pen drive* e outros), pesquisa ação e prática exploratória, ensino de língua inglesa para crianças e outros tópicos a serem negociados com os alunos. A bibliografia básica desta disciplina também é o livro 'Roteiros pedagógicos para a prática de ensino de inglês', mas nenhum texto que problematize o estatuto da língua nas unidades destinadas a disciplina II privilegiam esta problematização. Talvez ao se discutir os objetivos de ensino ao trabalhar com a LDB e as orientações curriculares possam levar a algum tipo de debate sobre essas questões. Contudo, a bibliografia complementar da disciplina parece levar em conta tal estatuto da língua, visto que apresenta vários textos sobre globalização e educação.

Estágio em língua inglesa I e II

A ementa da disciplina está constituída pela observação de contextos educacionais, pelo uso de tecnologias de ensino, análise e produção de material didático, análise das práticas de avaliação, planejamento de ensino e regência em diferentes contextos.

Os objetivos da disciplina de estágio I são conhecer os contextos de ensino, planejar atividades de ensino e delinear ações adequadas para sua implementação, avaliar a própria prática pedagógica, avaliar a aprendizagem dos alunos e organizar registros relativos ao estágio em ambiente virtual. Além disso, objetiva analisar os contextos de ensino, identificar pressupostos que embasam ações e políticas educacionais, refletir sobre sua prática pedagógica e sobre a prática do outro, perceber a sala de aula como espaço de investigação e teorização sobre fenômenos ligados ao ensino-aprendizagem e conscientizar-se de seu papel, localizando-se como parte integrante dos processos de ensino-aprendizagem. O conteúdo programático da disciplina baseia-se nos temas

'tornando-se professor de inglês', 'crenças sobre ensino-aprendizagem de inglês', 'portfólio eletrônico', análise de contextos de ensino e observação de aulas. Explicitamente, este programa não oferece nenhuma pista de que a problematização do estatuto do inglês esteja sendo discutida com os futuros-professores. Contudo, no item 'Tornando-se professor de inglês', a discussão de um texto⁸ problematiza a concepção de língua inglesa no mundo, discutindo questões chaves para o ensino de inglês como língua franca. Além disso, professores indicaram esta disciplina como sendo outro espaço apropriado para a discussão desta questão que salientam realizar mediante a comparação com a concepção de ILE nas aulas preparadas pelos alunos no campo de estágio e de discussões de textos a este respeito.

Língua Inglesa para sala de aula

A ementa da disciplina baseia-se na análise e na interpretação do discurso entre professor e aluno na sala de aula de língua inglesa e sua prática de linguagem específica. Seus objetivos são desenvolver atividades de análise e interpretação do discurso entre professor e aluno na sala de aula, desenvolver proficiência na linguagem específica de sala de aula e praticar usos da linguagem de diversos gêneros textuais de diferentes esferas de atividade.

Nesta disciplina, encontramos um item do conteúdo programático que parece ser um indicador de problematizações quanto ao estatuto da língua. O item é intitulado 'usos do inglês' e indica entre parênteses que esse uso refere-se ao 'inglês como língua estrangeira' e 'inglês como língua internacional', assim como suas implicações para o ensino. A bibliografia básica indicada⁹ confirma

⁹ Exemplos destes textos são 'Standards and competence in English as an International Language Pedagogy, de A. ASCAR,', 'English as a lingua franca: implications for teacher education', de J. C. Crawford e 'English in a new world language order', de Telma Gimenez. Da mesma maneira, a bibliografia complementar apresenta mais obras que abordam a questão, a saber: 'World Englishes: Implications for International Communication in English Language Teaching', de Alan Maley, 'Incorporating World English in Teaching English as an International Language', de A. Matsuda e 'English as an international language: implications for interculturalists and language educators', de E. Schnitzer.

este fato, visto que apresenta vários textos que discutem a questão do estatuto da língua inglesa na sociedade atual. Assim, podemos afirmar que esta disciplina enfoca o ensino de inglês como língua franca e parece o fazer por meio de discussões dos textos selecionados para a bibliografia. Abaixo, apresentamos o guia utilizado para a análise das disciplinas obrigatórias.

As disciplinas optativas

Gêneros textuais e LE

A ementa da disciplina privilegia: 1) Conceito de gêneros textuais; 2) Questões epistemológicas e metodológicas; 3) Objetivos e seleção de gêneros a serem ensinados; 4) Transposição didática: as práticas sociais de linguagem como objeto de ensino. E tem como objetivo geral oportunizar a discussão de questões relevantes relativas ao ensino de língua estrangeira com uma abordagem em torno de gêneros textuais e discutir questões teóricas e aplicadas relacionadas à pesquisa em gêneros. Nesta disciplina, nenhum item referente a objetivos, conteúdo programático ou bibliografia parece discutir questões do ILF.

Introdução a Tradução em Língua Inglesa

A disciplina Introdução à Tradução em Língua inglesa baseia-se na teoria e na prática da linguística aplicada à tradução. Tem como objetivos gerais: 1) Explorar em linhas gerais a relevância da teoria linguística e do estudo da linguagem ao trabalho dos tradutores; 2) Sensibilizar os alunos de certos padrões linguísticos de importância para a atividade tradutória, partindo gradualmente do nível lexical ao nível organizacional do texto; e 3) Sensibilizar os alunos da variação linguística (e.g. dialeto e registro) e de sua relevância para a tradução. Também não apresenta nenhum indício em seus objetivos, conteúdos programáticos ou bibliografia referente ao ILF.

Introdução À Linguística Sistêmico-Funcional e À Análise Crítica Do Discurso

A ementa desta disciplina contempla aspectos teóricos e metodológicos da Linguística Sistêmico-Funcional e da Análise Crítica do Discurso para a formação de professores de inglês. Apresenta como objetivos gerais: 1) Apresentar questões teóricas sobre a linguagem sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional; 2) Apresentar questões teóricas e metodológicas para a análise e a interpretação de eventos discursivos, dentro e fora da sala de aula, sob a perspectiva da Análise Crítica do Discurso; 3) Propiciar a reflexão sobre questões que envolvem a natureza social da linguagem; 4) Desenvolver atividades de análise e interpretação do discurso produzido na interação professor-aluno em sala de aula de língua estrangeira; 5) Desenvolver atividades de análise e interpretação de outras práticas discursivas; e 6) Criar oportunidades para que os alunos/os possam desenvolver sua capacidade crítica e reflexiva em relação às questões entre linguagem e sociedade.

A análise

As disciplinas que abordam o ILF estão apresentadas abaixo na grelha utilizada para sua verificação (onde B = bibliografia, O = Objetivos e C = conteúdo).

Itens	LA	Estágio em Li I e II	LI para sala de aula
1) consciência de questões relacionadas ao ensino de ILF	B	B	C/B
2) estudo/ exposição às diferentes variedades do inglês			B
3) reconhecimento da igualdade de variedades do Inglês que resultaram da expansão global da língua.			C/B
4) reflexão sobre questões de identidade e de propriedade do inglês	B	B	C/B
5) avaliações que levam em conta produções divergentes das normas de falantes nativos.			
6) natureza intercultural do uso do inglês (s)			B
7) problematização do modelo do falante nativo (s)	B	B	C/B
8) reflexão sobre as implicações do ILF no seu próprio contexto de ensino e adaptação desse ensino às exigências particulares de seus aprendizes.		B	C/B
9) consciência crítica da linguagem	B		C
10) ensino de cultura vinculada à cultura do país dos aprendizes			
11) ensino de cultura vinculada à cultura de países dos três círculos de Kachru		B	
12) estratégias de comunicação			
13) inteligibilidade mais do que semelhança com falante nativo			B

Quadro 1 – Grelha de análise dos programas de disciplinas que abordam o ILF (O = objetivos; B = bibliografia; C = conteúdo).

Discussão

De modo geral, pode-se afirmar que a maioria dos programas da disciplina parece não posicionar o inglês como língua franca, visto que não apresenta nenhum indício em relação ao conteúdo programático ou da bibliografia que possa fazer referência a ela, conforme demonstra o quadro

acima. O estatuto do ILF parece estar sendo ignorado pela maioria dos programas das disciplinas.

Contudo, as disciplinas Linguística Aplicada (2ª série do curso), e Estágio em Língua Inglesa I e II (3ª e 4ª série) parecem permitir e privilegiar uma discussão a este respeito, pois apresentam, em sua bibliografia, textos que possibilitam tal problematização. A disciplina Ensino de Inglês para sala de aula (4ª série), além de extensa bibliografia a respeito, prevê este debate no conteúdo programático, posicionando-se, assim, como a disciplina que mais parece conseguir dar conta desta questão e privilegiar o aspecto deste estatuto em sala de aula.

Assim, os programas das disciplinas confirmam que as disciplinas que problematizam essa questão – Inglês para sala de aula, Linguística Aplicada e Prática de ensino - parecem fazê-lo mediante discussão, debate de textos, comparações com o LE e análise de aulas transcritas, levando-se em consideração pressupostos do ILF.

No entanto, parece-nos que as discussões a este respeito estão presentes – segundo os programas - em quatro disciplinas – todas elas na 3ª e na 4ª série do curso. Embora relevantes, talvez não sejam suficientes para a formação de futuros professores em relação a esta perspectiva. Nossa posição é a de que essas questões deveriam ser trabalhadas de maneira transversal no currículo desde a 1ª série do curso, em especial nas aulas de Língua Inglesa (o que talvez respondesse a queixa dos alunos de não saberem lidar com a questão em termos práticos).

Considerações finais

De modo geral, a maioria dos programas da disciplina parece não discutir o estatuto do inglês como língua franca, visto que não apresenta nenhum indício em nível de conteúdo programático, objetivos ou de bibliografia que possa indicar algum movimento direcionado a esta questão. Contudo, as disciplinas Linguística Aplicada (2ª série do curso) e Estágio em Língua Inglesa

I e II (3ª e 4ª série) parecem permitir e privilegiar uma discussão a este respeito, pois apresentam textos em sua bibliografia que possibilitam tal problematização. A disciplina Língua inglesa para sala de aula (4ª série), além de extensa bibliografia a respeito, prevê este debate no conteúdo programático, posicionando-se, desse modo, como a disciplina que mais parece conseguir dar conta desta questão e privilegiar o aspecto deste estatuto em sala de aula. No entanto, a questão não é problematizada de maneira transversal no curso.

Portanto, os resultados apontam que tentativas isoladas têm procurado privilegiar a questão, mas que não há um posicionamento geral do curso que busca problematizar esta perspectiva.

Como sugestão, acreditamos que, especificamente quanto ao currículo estudado, duas frentes poderiam iniciar a problematização deste estatuto neste curso. A primeira dar-se-ia 1) pela implantação de um projeto de ensino e de extensão que procurasse discutir este estatuto e produzir material didático por esta perspectiva, englobando alunos de todas as séries do curso e 2) o oferecimento de uma disciplina optativa ou/especial com o título de Inglês como Língua Franca¹⁰. A segunda frente dar-se-ia por pequenos movimentos em cada disciplina que possibilitariam a inserção deste debate, a saber:

Na disciplina de Língua Inglesa, por exemplo, os conteúdos programáticos da Língua Inglesa III e IV, além da competência linguístico-discursiva, englobam a questão da competência profissional. Na disciplina Língua Inglesa III, o item 3 da competência textual intitulado 'Diferenças culturais' poderia revelar-se como um momento propício para o questionamento do ensino de cultura da língua vinculado às normas do nativo. Tal posicionamento, contudo, depende da abordagem utilizada pelo professor, visto que tradicionalmente se concebe o ensino de cultura como o ensino da cultura dos países do círculo interno. Na disciplina Língua Inglesa IV, a parte de

¹⁰ Os encaminhamentos realizados com estudo, realizado em 2009, possibilitam movimentos em relação a esta questão. Em 2010, foi criado o projeto de extensão "Desenvolvimento profissional de professores: a perspectiva do inglês como Língua Franca", orientado por mim e a oferta pela primeira vez da disciplina optativa "Inglês como Língua Franca", sob a responsabilidade da Profª. Telma Gimenez.

conteúdos englobados pela competência profissional possibilitaria a problematização de questões relacionadas ao inglês como língua franca em vários momentos. Primeiramente, o item 'Diversidade cultural na sala de aula' seria um momento propício para tal discussão. No entanto, o programa deixa claro que se refere ao inglês como segunda língua e ao inglês como língua estrangeira por meio das siglas ESL (*English as a Second language*) e EFL (*English as a Foreign Language*). Aqui, poderia ser incorporada a sigla 'ILF'. Além disso, o estudo sobre consciência crítica e consciência social e crítica na sala de aula também possibilitaria embates interessantes que pudessem englobar tais questões. O item 'Aspectos históricos e críticos no ensino de língua inglesa' também poderia posicionar o inglês como língua franca no momento histórico atual. Nestas aulas, também seria possível contrastar diversas variedades da língua inglesa nas atividades de '*listening*' e leitura.

Na disciplina Leitura Instrumental em Língua Inglesa, os textos utilizados para o desenvolvimento das estratégias de leitura poderiam, de alguma forma, abordar questões relacionadas ao ILF ou utilizar textos que privilegiassem conceitos interculturais.

A disciplina Língua e Sociedade, acreditamos ser uma disciplina com um espaço importante para a incorporação de questões que poderiam estabelecer as relações de poder que envolvem as línguas e a sociedade em geral, como, por exemplo, os diferentes estatutos que elas possuem (língua estrangeira e língua franca, entre outros), a diversidade cultural e linguística trazida pela globalização (por exemplo os chamados *World Englishes*) bem como questões que tratem do *status* dado às línguas pela sociedade em geral (governo, mídia) e o estabelecimento de políticas linguísticas, objetivando trabalhar com os alunos a relação intrínseca entre linguagem e poder, além de indicar como desconstruir discursos hegemônicos nas aulas de língua inglesa.

Na disciplina de Morfossintaxe, algumas pequenas considerações/reflexões sobre as consequências provenientes de mudanças morfossintáticas ocorridas na língua devido à sua expansão poderiam ser

interessantes. O contraste das interações entre inglês como língua estrangeira e inglês como língua franca também se revelariam ser do escopo desta disciplina.

A disciplina de Fonologia seria um espaço significativo para o conhecimento/contraste/ discussão sobre 'Língua Franca nuclear'¹¹ diante das implicações e relevância deste estudo no que concerne ao tempo dedicado às aulas de pronúncia.

Na disciplina de Ensino de Inglês na Educação Básica I e II, esta questão poderia ser tratada na discussão de objetivos, conteúdos e quais habilidades privilegiar no ensino de inglês, contrastando-as com as sugestões contidas na LDB e nas orientações curriculares.

Estas são sugestões que, a nosso ver, possibilitariam um início sobre o debate do ILF nos cursos de formação inicial.

Contudo, devemos salientar que estamos conscientes das limitações desta pesquisa por ela tratar apenas dos programas da disciplina. Outros estudos que analisam o papel do material didático de língua inglesa em relação ao ILF como o inglês como língua franca vê se realizando na formação inicial em cursos de letras. Outra limitação é que esta pesquisa trata apenas de um curso de formação inicial; portanto, pesquisas que fizessem um levantamento em nível nacional de como esta questão tem sido abordada seria de grande importância.

Cientes também de que o currículo é a expressão das relações sociais de poder e que, portanto, alterações curriculares implicam grandes embates acadêmicos, salientamos a crescente necessidade de se reconhecer que, além deste espaço de dominação, o currículo é também espaço de luta, de contestação e de reflexão. A epígrafe de Silva (2002) utilizada no início deste artigo revela nossa preocupação em forjar identidades críticas, reflexivas e conscientes em relação ao que seja ensinar a língua inglesa nos dias de hoje: possibilitar a inserção global e local dos indivíduos.

¹¹ Centro do inglês como língua franca. Mais detalhes ver Jenkins (2005).

Referências

ANN-SNOW, M.; KAMHI-STEIN, L. D.; BRINTON, D. M. Teacher training for english as a lingua franca. *Annual Review of Applied Linguistics*, Cambridge, v. 26, p. 261-281, 2006.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Persona, 1977.

BERTO, Patricia. English as a lingua franca vs. brazilian EFL classrooms. In: MÜLLER, V.; MAGALHÃES, V. (Org.). *Proceedings of the 14th annual convention: teaching today, touching tomorrow*. Porto Alegre: PUCRS, 2009a. p. 82-92.

BERTO, Patricia. *English as a lingua franca: a study of Brazilian english teachers' attitudes and opinions towards it*. 2009b. Dissertação (Mestrado em Estudos Ingleses e Americanos) - Universidade de Lisboa, Portugal.

DEWEY, Martin. English as a lingua franca and globalization; an interconnected perspective. *International Journal of Applied Linguistics*, Oslo, v. 17, n. 3, p. 332-354, 2007.

EL KADRI, Michele Salles. *Atitudes sobre o estatuto do inglês como língua franca em um curso de formação inicial de professores*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - UEL, Londrina.

FOGAÇA, Francisco Carlos; GIMENEZ, Telma Nunes. O ensino de línguas estrangeiras e a sociedade. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*. v. 7, n.1, p. 161-182, 2007.

GIMENEZ, Telma. Línguas Estrangeiras Modernas: questões para debate. In: PARANA. Secretaria da Educação.do Estado. *Diretrizes Curriculares da Educação Fundamental da Rede de EducaçãoBásica do Estado do Paraná*. Curitiba, 2005. p. 168-173.

GIMENEZ, Telma. Políticas governamentais, mídia e ensino de línguas estrangeiras. In: GIMENEZ, K. (Org.). *Contribuições na área de línguas estrangeiras*. Londrina: Moriá, 2005. p. 91-104.

GIMENEZ, Telma; FURTOSO, Viviane. Racionalidade técnica e a formação de professores de línguas estrangeiras em um curso de letras. *Revista X*, Curitiba, v. 2, p. 1-15, 2008.

JENKINS, Jennifer. Implementing an international approach to English pronunciation: the role of teacher attitudes and identity. *Tesol Quarterly*, Columbia, v. 39, n. 3, p. 535-543, 2005.

LEFFA, Vilson Jose. Teaching English as a multinational language. *The Linguistic Association Of Korea Journal*, Seul, Coréia, v. 10, n. 1, p. 29-53, 2002.

LUKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

ORTENZI, Denise Ismênia Bossa Grassano et al. *Roteiros pedagógicos para prática de ensino de inglês*. Londrina: EDUEL, 2008.

RAJAGOPALAN, Kanavilil. The English language in Brazil: a boon or a bane? In: BRAINE, G. (Ed.). *Teaching English to the world: history, curriculum and practice*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2005. p. 1-10.

RAJAGOPALAN, Kanavilil. Maria Nilva Pereira pergunta/Kanavilil Rajagopalan responde: o inglês como língua internacional na prática docente. In: LIMA, D. C. (Org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola, 2009. p. 39-46.

RAJAGOPALAN, Kanavilil. The 'outer circle' as a role model for the 'expanding circle' in dealing with the spread of English. *English Today*, Cambridge, v. 25, n. 4, 2010a.

RAJAGOPALAN, Kanavilil. The English language, globalization and Latin America: possible lessons from the 'Outer Circle'. In: SAXENA, M.; OMONIYI, T. *Contending with globalization in world Englishes*. Clevedon: Multilingual Matters, 2010b.

SEIDLHOFER, Barbara. Closing a conceptual gap: the case for a description of English as a lingua franca. *International Journal of Applied Linguistics*, Oslo, v. 11, n. 2, p. 133-158, 2001.

SEIDLHOFER, Barbara. Research perspectives on teaching english as a lingua franca. *Annual Review of Applied Linguistics*, Cambridge, v. 24, p. 209-239, 2004.

SILVA, Tomaz. Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias de currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SIQUEIRA, Domingos Savio Pimentel. *Inglês como língua internacional: por uma pedagogia intercultural crítica*. 2008. Tese (Doutorado em Letras e Lingüística) - Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Recebido em maio de 2010.

Aprovado em setembro de 2010.